A POESIA DE FRANCIS MARY: UM DISCURSO DE DENÚNCIA E PROTESTO

Margarete Edul Prado Lopes, UFAC

Este artigo tece considerações sobre a autora acreana Francis Mary e sua obra poética, levando em conta a teoria de gênero. Francis Mary[i] começou a escrever na adolescência e publicou seu primeiro poema na coluna "Folha Literária" que fazia parte do caderno Contexto Cultural, no jornal *Rio Branco,* em 1976. A autora começou a publicar suas poesias no final dos anos 70, como forma de mostrar o seu trabalho poético, já que, naquela época, a publicação de livros era escassa, por falta de política editorial e por depender de patrocínio do governo. Sobre a produção da autora, Laélia Rodrigues comenta:

> Francis Mary marca sua presença no movimento literário acreano desde 1976, participando da criação do *Contexto Cultural,* onde publica seus primeiros poemas. Continua a publicar em outros suplementos locais, como a *Folha de Letras*, em 1979 e o *Kavalete*, em 1981 (RODRIGUES, p. 193).

Na década de 80, Francis Mary começa a publicar suas poesias em seletas literárias e em livros isolados, com poemas publicados nas seguintes antologias locais: *Coletâneas de Poesia Acreana* (1981), *Algumas poesias acreanas* (1982) e *Antologia dos poetas acreanos* (1986). Além disso, ela também participou de uma antologia nacional, *Língua solta: poetas brasileiros dos anos 90*, organizada por Beth Fleury, publicada pela Editora Rosa dos Tempos, na cidade do Rio de Janeiro, em 1994. A partir do ano 2000, colabora com poemas na Revista *Outras Palavras*, revista organizada pela Fundação Elias Mansour, patrocinada pelo governo do Estado do Acre.

Chico Mendes[ii] foi o primeiro a comprar as poesias da autora, mais exatamente, 10 volumes de *Aquiri*[iii], primeiro livro de poesias da autora, feito em mimeógrafo. O gosto pelo trabalho de jornalista rendeu contribuições à imprensa periodicamente. [iv] Iniciou sua atividade de jornalista junto com a escritora Fátima Almeida. As duas foram editoras do primeiro Caderno B (Caderno Cultural) no Acre, no jornal *A Folha do Acre*, durante 9 anos. Francis Mary assinava a coluna “Língua Solta”, ilustrava as matérias do jornal sempre com uma poesia que tivesse alguma coisa a ver com o assunto tratado no artigo. Era mais uma forma alternativa de divulgar o seu trabalho. Desse trabalho poético, na imprensa acreana, resultou o livro *Aquiri*, única literatura do Acre que registrou os conflitos entre seringueiros e fazendeiros na década de 70. Depois vieram mais 3 livros: *Gota a Gota* (1983), *O dia em que a lua caiu no açude* (1996) e *Pré-históricas e outros livros* (2004), além de contribuições em várias antologias. [v] Pela circulação no formato de brochura, os livros *Aquiri* e *Gota a Gota*, com tiragem reduzida se esgotaram rapidamente.

Entre 1985 e 1992, ela cursou a Faculdade de Direito em Brasília, na Associação de Ensino Universitário do Distrito Federal - AEUDF. Quando Francis Mary retornou ao Acre, em 1992, visitou todas as ONGs, verificando qual delas poderia estar precisando dos trabalhos de uma advogada, mas não foi contratada em nenhuma. Segundo a autora, até hoje é rara a existência de assessoria jurídica nesses movimentos e ONGs do Acre. Todavia, as visitas renderam um convite de Denise Carrera[vi] para a

escritora participar de uma das reuniões do Movimento das Mulheres do Acre. Francis Mary aceitou o convite e colaborou por três anos com o Movimento das Mulheres e com a Rede Acreana de Mulheres e Homens, quando então escreveu um manifesto.

Na atualidade, ela mora em Rio Branco, sendo uma das proprietárias de uma microempresa cultural denominada Casa da Gameleira, onde realiza saraus e outros eventos culturais. Também continua atuando como escritora, principalmente na área de poesia. Como projeto para o futuro próximo, Francis Mary pretende ainda criar sua própria *Home Page* na Internet, com tudo o que for possível reunir sobre sua produção artística e literária dispersa em livros, revistas e jornais.

Na verdade, a autora sempre gostou de fazer militância com a sua poesia. Na época em que Chico Mendes era presidente do Sindicato dos Seringueiros, sempre a convidava para recitar suas poesias nas Assembléias Gerais do Sindicato de Xapuri e nos atos públicos realizados em defesa da floresta Ela se apresentava nas assembléias, com poesias de cunho político, engajadas, inspiradas na luta dos povos da floresta.

Acreano
Nascido no ventre
Da mata,
Jogado como alimento
Nas vísceras do dragão,
Sente na pele a reação
Acariciando o rosto magro
Da sobrevivência.

No entanto, seus poemas também sempre focalizaram a situação da mulher acreana, sua posição submissa diante do esposo, filhos e da vida cotidiana. Uma mulher duplamente oprimida, porque a opressão que recebe não vem só do marido, mas também de seus senhores ou patrões. Muitas vezes, ela é quem sustenta a casa, o marido e os filhos, anulada na vida de lavadeira ou qualquer outra função subalterna de mulher pobre e sem opções.

Lavadeira
Descer e subir barrancos,
Lata d'água na cabeça,
Roupas para quarar,
Marido bêbado na cama,
Filhos na escola da rua
E a vida deixada
Na beira do rio.

O primeiro livro de Francis Mary, *Aquiri*[vii], foi rodado em mimeógrafo. Em 1977, todos os poetas utilizaram muito este recurso como alternativa às publicações oficiais, ficando, então, conhecidos como a "geração do mimeógrafo". Laélia Rodrigues, ao analisar *Aquiri,* considera que o livro é intencionalmente voltado para a definição do homem e do espaço, buscando nos mitos as características dos elementos essenciais da cultura acreana, apresentando como aspecto marcante poemas de resistência contra a dominação cultural e poemas de denúncia que superam a tendência documental caracterizadora da literatura da região. [viii]

Entretanto, é preciso destacar também na escrita de Francis Mary, a existência de uma voz feminina "gritando" nos poemas de *Aquiri,* depois republicados em *O dia em que a lua caiu no Açude*, uma voz anunciando sua luta ao lado do homem, para colonizar a terra acreana. A mulher participou ativamente dos ciclos de luta pela sobrevivência, instaurados nos processos de conquista das terras acreanas, formação do território, fundação e solidificação do Estado do Acre e conflitos com os criadores de gado.

Eu, nortista
Com essa sede
Do nordestino
Eu subi o rio
E vim parar aqui,
Trazida nos sonhos
Dos meus ancestrais,
Brotada na terra verde
No seio da Amazônia.

O poema mostra que o sonho nordestino de vir trabalhar nos seringais do Norte, na esperança de emprego, ganhar dinheiro e melhorar de vida foi um sonho de homens e mulheres, os chamados "arigós", aqueles que vieram trabalhar nos seringais da região acreana nas décadas de 40 e 50, que ficou conhecida como migração nordestina. Muitos casais trouxeram suas filhas (para brotar na terra verde da Amazônia) que acabaram por se casar com seringueiros ainda muito jovens, incentivadas pela falta da presença de mulheres na floresta, espaço da dominação absoluta e machista dos "coronéis de barranco", donos dos seringais, exploradores da mão de obra nordestina.

É importante assinalar o verbo "trazida",[ix] pois denuncia a voz feminina, que veio trabalhar nas florestas com a mesma sede dos homens. A voz que fala no poema se iguala aos homens, transformando a divisão sexual do trabalho que inferioriza a mulher, pois a história oficial do Acre não registra que a mulher também cortou seringa ao lado dos homens. Somente os historiadores mais recentes, como Cristina Wolff e Carlos Alberto Souza reconhecem a participação feminina. Carlos Alberto registra que a mulher seringueira além de cortar seringa, realizava todas as tarefas da "barraca" (tapiri) e cuidava também da educação dos filhos. As meninas cresciam e crescem sabendo as tarefas masculinas. [x] O historiador exemplifica estas afirmações registrando o depoimento de um seringueiro:

> Comecei a corta seringa com oito anos. Eu com oito e minha irmã com nove. Ela raspava, desde o roço até o corte da seringa. Ela fazia mais eu (...) Nóis ia desarmado. Depois fomo aprendendo. Aí passou todo mundo a atira. Inclusive, ela ajudou até os 15 anos de idade dela, quando ela possuiu família. Ela ajudava na caça, ela ajudava na pesca, ajudava a fazer tudo. [xi]

Além da mulher descendente de nordestinos que floresceu em terras acreanas, são retratadas também aquelas que nasceram em solo acreano, as filhas da terra:

Filha da terra

Eu nasci aqui,
No meio desse mato

Me criei.
Nadei no rio,
Bebi água dos igarapés...
Conheço todas as doenças
Dessa terra.
Conheço todos os ladrões,
Todos os exploradores
Conheço todos nós:
Filhos da miséria,
Irmãos da fome
E da esperança!

Continuando dentro da temática da realidade histórica, a novidade aqui fica por conta de ser uma voz de mulher que fala por toda a comunidade como a voz autorizada pelo discurso: "conheço todos nós". Uma fala denunciada apenas pelo título do poema, uma vez que no decorrer dos versos a voz se apresenta como sendo neutra. Um clamor que grita por todo o povo sofrido e oprimido da floresta, homens e mulheres miseráveis, famintos, que bebem água das pequenas cachoeiras da terra, como simbolismo de que dependem da terra para sobreviver, mas conhecendo todos os males externos que a invadem: ladrões, doenças, exploradores.

A mulher nos poemas de Francis Mary tem imagem variada, seja a migrante nordestina, as filhas de nordestinos ou filhas da terra. A mulher é, acima de tudo, uma mulher integrada com as forças da natureza, parte da floresta e da vida ao ar livre, que sabe desfrutar da liberdade que somente a selva pode proporcionar. Não é a mulher cristã, seguidora do catolicismo, mas sim a filha de Tupã. Seus poemas revelam a voz da alteridade, da ancestralidade indígena:

"Filha de Tupã"

Brincar nas copas
Das árvores
Com borboletas,
Juritis e jaçanãs.
Coração:
Sabor coquinho-tucumã.
Correndo nua nas matas
Como filha de Tupã.

Novamente é a voz feminina quem se pronuncia, porque ela se diz "nua" e não "nu", portanto é uma mulher que descreve suas sensações e sentimentos de liberdade em comunhão com a natureza. Entretanto, essa voz não é somente feminina, mais importante ainda é que seja uma voz indígena. A mulher índia duplamente dominada e oprimida, ainda mais silenciada e coisificada que a mulher branca:

> Em geral, não se incorpora democraticamente a multietinicidade da sociedade e o Estado, historicamente, não tem sido representativo dessa pluralidade étnica. Ao contrário, todas as etnias estão sujeitas ao domínio nacional e quem pertence a elas vivem problemas extremos de discriminação e de exploração e situações de pobreza e miséria. As mulheres indígenas partilham a opressão étnica com os homens de seus grupos, só pelo fato de serem parte de povos tratados como minorias sob dominação. Contudo, a opressão das mulheres indígenas é diferente daquela que vivem os homens indígenas e, como nos outros casos, elas estão sujeitas, ainda, ao domínio de gênero dos homens, das famílias e das comunidades às quais pertencem. Neste sentido, as etnias dão uma especificidade à condição da mulher. [xii]

Além disso, os versos também privilegiam a figura feminina mestiça, descrita sobretudo como sedutora, filha da mata, seringueira. Não se trata mais da beleza loura e branca da européia, predominante nos versos do Romantismo, mas agora é a mulher nortista morena, cabocla, de olhos e cabelos escuros, que também sabe se enfeitar, usar jóias, que a própria natureza lhe fornece com sua riqueza de recursos:

"Sementes"
Menina,
Dança para mim
A cantiga
Que descobri
No colar que te enfeita:
De semente de açaí...

Vem cá, morena
Depressa me seduzir
Com a brancura da jarina:
Da floresta, o marfim!

A floresta presenteia
Essa jóias delicadas,
Realçando tua beleza
Da morena seringueira
Filha da mata encantada!

Essa mulher sensual também é a mesma guerreira forte que vai à frente de todos os oprimidos representando a liberdade. O poema mostra as amazonas encabeçando as minorias que lutam pela terra e pela liberdade. As lendárias guerreiras simbolizam a luta da mulher para escapar dos limites cerceadores do sistema, principalmente os que são impostos por uma ideologia colonialista, etnocêntrica, androcêntrica, patriarcal, responsável pela escravidão, pelo misoginia, pela exploração e massacre de povos indígenas e por preconceitos generalizados. A mulher está incluída, portanto, nos grupos que constituem as minorias na Amazônia: índios, seringueiros e colonos.

Amazônidas

Vem abrindo varadouros
A multidão de índios,
Seringueiros e colonos.
Das lendas do rio
Saem os botos
Que se encantam
Em guerreiros.
À frente cavalgam amazonas,
Levando nas mãos
Os estandartes da libertação!

Em 1983, veio a público *Gota a Gota,* também produzido e editado no mimeógrafo, onde a autora afirma:

> A poética que pratico é como beber um copo d'água quando estou sedenta, surgiu como instrumento delicado que utilizo para transmitir minhas percepções das pessoas, dos sentimentos, do universo. Neste livreto têm poesias dos anos: 1976, 1977, 1978, 1980 e 1981. São textos curtos, sintéticos, numa tentativa de comunicação através de imagens geradas por um mínimo de palavras. Tome de gota a gota, não tem contra indicação.

O livreto é composto de 26 poemas curtos, nos quais permanece a necessidade do grito contra as imposições do sistema, a crítica ao catolicismo e olhos que enxergam a dor do outro, o cotidiano do povo pobre da cidade: a mãe que mata piolho na cabeça do filho, o homem que não tem nada para comer:

"Seu João"

Prato branco
Sem feijão
Olhos fundos e
Solidão
Na vida de seu João.

"Cruzadas"
Das pilhagens
Das cruzadas
Já chegou e nossos
Ouvidos
Que as riquezas
Estão guardadas
Nos baús sacros
Do vaticano.

"Cena"

Na janela da casa da frente
Uma mulher cata piolhos
Na cabeça da menina
Que cochila.
Uma criança perebenta
Joga bola
E a moça velha
Carrega um pinico
Pra jogar fora.

Os poemas de Francis Mary contam a história de outro ponto de vista, ainda não oficializados nos livros escolares, como no poema "Desmistificação", no qual é mostrado que, ao se entrar no paraíso, não há anjo flamejante. Assim como o verbo *guardar*, no nome do anjo da guarda, lembra o guarda da polícia e a repressão; portanto, religião também oprime.

"Desmitificação"
E de repente
Eu comi a maçã
E encarei a serpente.
Entrei no paraíso
Sem juízo.
Não havia anjo repressor
Com espada flamejante
Inclemente.
Era tudo estória

Para boi dormir!

"Anjo da farda"
Xô, xô,
Anjo da guarda!
Guarda me lembra a farda
Do soldado
Cassetete na mão,
Reprimindo a passeata.

Também a revelação de que as riquezas roubadas nas cruzadas estão em poder do Vaticano (Cruzadas). Realmente, "gota a gota", o leitor vai se apercebendo de novos modos de ver suas antigas crenças e valores, criando novos olhos para a realidade circundante.

O terceiro livro de poemas de Francis Mary, intitulado *A noite em que a lua caiu no açude*, foi publicado em Rio Branco, em 1996. O livro é dividido em 4 partes com subtítulos isolados: "A noite em que a lua caiu do açude", "Amazônidas", "Beija-Flores" e "Pão-de-ló'. A primeira parte contém 6 textos em prosa, denominados pela própria autora de prosa poética, logo abaixo do subtítulo. São textos curtos, um deles com o mesmo nome que dá título ao livro. A segunda parte repete os poemas do livro *Aquiri*, as outras duas partes são compostas de poemas inéditos e alguns já publicados em *Gota a Gota*.

A mulher retratada nos poemas é uma mulher que vive com mais liberdade a sexualidade, sem estar atada aos dogmas e censuras da religião, uma mulher já consciente das falácias dos mitos religiosos, que já tem conhecimento na prática de que a história não foi bem assim como contaram e fizeram crer. Helena Parente Cunha discute essa produção poética de autoria feminina inspirada no sentimento erótico, em que as mulheres gritaram aos quatro ventos seu desejo sem culpa, sem ruborizações, sem baixo olhares pudicos.

> Nesse veio temático, registre-se uma liberação do desejo que se expande como se aquelas mulheres nunca tivessem vivido coagidas pela violência das relações de poder do patriarcado. E, talvez, justamente por isso tenham precisado ostentar de modo tão estridente aquele estandarte de vitória. Enquanto na ficção a fala da mulher, embora seduzida pelos apelos de Eros, ainda se encontrasse amarrada à pressão falocêntrica, na poesia o princípio do prazer reina mais solto, numa outra modalidade de desafio ao cânone. [...] Naquele estrondoso momento da ruptura com a tradição, na deslumbrada descoberta do prazer, ecoou a fala da mulher brasileira, liberando, através do discurso poético, os conteúdos libidinais recalcados e exemplificados em Adélia Prado, Marly de Oliveira, Astrid Cabral e Myriam Fraga. [xiii]

São exatamente as características que estão presentes nos poemas de temática amorosa em Francis Mary, revelam a descoberta do prazer, sem censuras, sem culpas. É a mulher que tem consciência de que pode fazer o que quiser com o seu coração, que se concede ter um coração vadio, sem controle das emoções, como nos versos de Caetano Veloso: "menino vadio, calor que provoca arrepio".

"Menino Vadio"

Meu coração
Menino vadio
Fugiu do meu domínio

Meu coração
Moleque
De beira de rio,
Mergulhou
Na primeira paixão.

É rosa vermelha
Agora
Meu coração
Desabrochando
Em mim!

"Toma o teu coração"
Tái, toma o teu coração.
Sem ele não podes viver.
Eu quero só um pedacinho ...
Distribui a maior parte
Com quem quiseres.
Agora me dá o meu.
Fica com um pedacinho.
A outra parte
Vou repartir
Com que eu quiser.

Entretanto, há um ponto a se destacar nos poemas de amor da autora. É um amor descrito com metáforas retiradas de elementos da natureza, um amor potâmico, mesclado com as lendas e a sabedoria da floresta. Quando a lua e o conhaque "botam a gente comovida como o diabo", como diz Drummond, é preciso ter um "coração de mata".

"Novenas"
A chuva noturna
Em novenas
De maio
Chora ladainhas.
Lembram Maria
Entregando o corpo
Ao sabor do rio...

"Resgate"
Meu coração de mata
É que me resgata
Nessa lua cheia
Que me incendeia

"O Rio"
Foi nas margens do rio
Que eu te encontrei.
Foi nas margens do rio
Que eu te lavei.
Foi nas lendas do rio
Que eu me enlevei

E adormeci.

"Cheia"
Meus sentimentos,
Jogados no fundo
Do rio afloram
A cada cheia.
Desesperados
Deslizam nas águas
Dentro de mim.

"Rio"
No rio que corre
Em meu coração
Banham-se botos
E iaras,
Mergulham paixões.

"O Boto"
Mergulhou em meu cio
Deslizando em meus seios
Suas mãos de rio.

E eu, sereia seduzida,
Revelei meu segredo
A matrichãs e tambaquis[xiv]
Ainda guardo
Sei cheiro barrento
Que em noites de lua
deságua dentro de mim.

Não se pode deixar de observar que a poesia de Francis Mary, além de ser fortemente marcada por um discurso centrado na cultura indígena e nos elementos constitutivos da vida selvagem, e talvez por isso mesmo, é impregnada pelas lendas da Amazônia, pelos mitos da floresta. Em seus poemas desfilam botos, iaras, cobra grande, as amazonas e o mapinguari.

"O Curimim"
Abriu
O riso do curumim.
A manhã que as jaçanãs
Insistiam engolir.

Ele ria do macaco
Aperreado
Brigando com a cotia.

Depois,
Disse sério o curumim,
Que a vida era só manhãs
Até que a noite escapou
Do caroço do tucumã![xv]

Os versos remetem aos tempos em que os índios viviam em liberdade, sem a presença predadora do colonizador, o curumim podia sorrir feliz, havia somente manhãs. A noite é metáfora da destruição, do massacre, das florestas queimadas. Assim, a presença da lenda e da mitologia local nos poemas da autora está sempre relacionada aos elementos de destruição da mata: derrubada das florestas pelos fazendeiros criadores de gado, o boi no lugar das árvores, a cultura "importada" dos grandes centros urbanos em lugar da sabedoria da floresta.

"Alfabetização"
Eva viu a uva
Mas não viu
Na minha floresta
Brilhando a lua.
A bola de Pedro
Não é mais bonita
Que estórias de boto
Conquistando donzelas
em noites de festa.

"Cara de Boi"

Nas entranhas dessa mata
Eu vivi.
Das entranhas dessa mata
Foi que eu vim.
Cobra jibóia não me traiu,
Mapinguari não me expulsou,
Eu corri foi de um bicho feio
Com cara de boi.

O último trabalho escrito por Francis Mary, intitulado *Pré-Históricas e outros livros* (2004), tem quatro divisões: "Acreanas"; "Amiga em dia de Sol"; "Pé de Vento" e "Pré-históricas", num total de 119 poemas. Quase dez anos depois da publicação de *A noite em que a lua caiu do açude*, permanece o gosto da autora por poemas curtos, a valorização das tradições e costumes indígenas, a menção contínua aos seres alados (pássaros, pica-paus, garças, tucanos, bemtevis e principalmente borboletas), que povoam os poemas como representação de liberdade, vida, movimento, ou metáfora de quem já morreu. Muitos poemas dedicados para amigos que já morreram ou pessoas que se sobressaíram na luta pela preservação da floresta e seu povo, como é caso da Ministra Marina Silva, no poema abaixo:

"Pássaro de Fé" (à Marina Silva)
Tua fé
Seringueira
Transborda
Nossas almas
Amazônicas

Forte e delicado
É o pássaro
Que acorda
Tuas manhãs (do livro Acreanas)

Há em seus escritos intertextualidade com poetas consagrados, como Drummond, talvez uma provocação, uma necessidade de diálogo com o cânone, ou a certeza de que encontrou seus próprios caminhos e não precisa percorrer os de outros poetas, porque já tem seu chão e sua história, ou seja, na afirmação da *diferença*, encontra sua identidade.

"O Anjo Metido" (A Carlos Drummond)
O anjo que vivia na barra
Da saia da minha avó
Disse-me assim:
Vai, menina, ser poeta na vida!

Desconfiada pensei:
Que anjo maluco,
Dou conta disso não!
Como aprender
O significado mais alegre
Da palavra solidão
Ou canções que
Não se escutam em rádios,
Mas tocam o coração?
E o tal anjo insistia:
"Não terás dificuldades:
Tua tia é a Esperança,
Tua avó, Felicidade,
Teu avô, prosador,
Seu tio que vira música".

Quando
A inspiração me toca
Sinto suas asas
Alçando-me ao lugar mais alto
Dentro de mim. (do livro Pé de Vento)

"Não Sou José"
Céleres, enxeridas angústias
Assaltam os restos de mim!
Ergo, cansada, a bandeira da paz.
Paz, não há mais. E agora?
Quem sabe eu gritasse,
Quem sabe eu gemesse?
Para Minas não ia:
Não me chamo José!
Ia pra floresta – Alto Juruá,
Dançar com Ashaninkas,
Beber caiçuma
Comer o luar! (do livro Acreanas)

De um modo geral, a poesia de Francis Mary se articula em torno da vida na floresta e das tradições indígenas, que se traduz em um discurso com alto teor de afetividade, de indiscutíveis vínculos com os rios, seres lendários, e todos os elementos que façam parte do mundo amazônico. Os poemas, obedecendo ao livre curso da corrente lírica, deixam fluir ao mesmo tempo a racionalidade e a força instintual, que se sobrepõem à censura, aos interditos do sistema capitalista. É uma voz feminina que se

ergue em nome das alteridades da Amazônia (mulheres, índios, seringueiros, colonos) sufocadas e aniquiladas por um sistema capitalista, obcecado pelos lucros que explora e destrói a biodiversidade da floresta.

---

[i]Francis Mary Alves de Lima nasceu em Rio Branco, em 17 de abril de 1957, filha de Sebastião Cesino de Lima e Francisca Alves de Andrade. Além de escritora, trabalha como analista processual do Ministério Público Federal no Estado do Acre. Nunca teve pretensão em se casar e não tem filhos.

[ii] Chico Mendes, sindicalista e ambientalista, foi assassinado em emboscada em 22 de dezembro de 1988, na cidade de Xapuri.

[iii] Transformou-se num recital, em 1983, intitulado *Akiri, um grito no meio da mata*, apresentado no Teatro Barracão, no Teatro de Arena do Sesc e em Xapuri.

[iv] Colaborações de Francis Mary na imprensa: Jornal *O Rio Branco* (poemas); *Folha do Acre* (editora do Caderno B de 1976 a 1984); Revista *Outras Palavras*. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, Ano I, n.5, jun. de 2000; Ano II, n. 12, jul. de 2001 e Ano II, n.13, ago. de 2001.

[v] As publicações de Francis Mary até o momento foram: *Antologia dos poetas acreanos*. Rio Branco: Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto, 1986, p. 71-72; CARLOS, Jorge (Org.) *Coletânea de poesias acreanas*. Rio Branco: Cia de Teatro 4º Fuso, 1981, p. 21, 30 e 61; FLEURY, Beth (Org.) *Língua Solta, poetas brasileiras dos anos 90.* Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994; MARY, Francis. *Aquiri*. Rio Branco: Cia Teatro 4º fuso, 1982; MARY, Francis. *Gota a gota.* Rio Branco: [s..n], 1983; MARY, Francis. *A noite em que a lua caiu no açude*. Rio Branco: BOBGRAF/ Editora Preview, 1996; VERAS, João et alli. *Falado Poema: poesias acreanas*. Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 2001. 01 CD; MARY, Francis. *Pré-histórica e outras histórias*. Rio Branco: Fundação de Cultura Elias Mansour, 2004.

[vi] Autora do livro *Liderança feminina no século XXI*, Denise Carrera morou no Acre de 1992 a 1996, tendo coordenado a Articulação de ONGs – Projeto Aquiri/ UNICEF, foi também uma das fundadoras da Casa Rosa Mulher no Acre. Atualmente é presidente da Rede Mulher de Educação, em São Paulo.

[vii] AQUIRI era o nome original do Rio Acre, rio Aquiri, como o chamavam os índios Ipuriná. Um erro de português provocou a mudança de Aquiri para Acre (ver Gilberto Braga de Melo in: *Ir para o Acre:* Opus Cit., p.21.

[viii] SILVA, Laélia Rodrigues da. *Acre: prosa & poesia 1900 -1990*. Rio Branco: UFAC, 1998. p.193-194.

[ix] Sabe-se que os verbos não declinam em gênero, mas as formas participiais são formais nominais do verbo, sendo possível a utilização de gênero masculino e feminino: trazido e trazida.

[x] SOUZA, 2002, p. 38

[xi] Depoimento de Evaristo de Oliveira Lima, Da região de Brasiléia. In: SOUZA, Carlos A. 1996, p. 91-92.

[xii] Prefeitura Municipal de Londrina. *Vocabulário referido a Gênero*. Londrina: Secretaria Municipal da Mulher, 2003, p. 18.

[xiii] CUNHA, Helena Parente. Desafiando o desafio: algumas considerações introdutórias. In: CUNHA, Helena Parente (Org.). *Desafiando o cânone*: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. p.18-19.

[xiv] Matrichãs e tambaquis, espécies de peixe da água doce.

[xv] A lenda indígena narra que a Filha da Cobra grande casou-se, mas se recusava a dormir com o moço, seu marido porque não havia noite. Ela lhe pede que mande buscar a noite na casa de seus pais. Ele envia três emissários que trazem a noite presa em um caroço de tucumã, com a recomendação de não abri-lo no caminho, senão todas as coisas se perderiam. Contudo, eles não resistem e abrem o caroço, trazendo a maldição para todos. Ver SILVA, Alberto da Costa e (Org.). *Lendas do índio brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 87.